

EFEITOS DE SER PROFESSOR NO ACONTECIMENTO DA PANDEMIA DE COVID-19: UM OLHAR DISCURSIVO- DESCONSTRUTIVO

Mary Stela Surdi¹

Palabras clave: Docência pandêmica; Modos de subjetivação; Discurso; Acontecimento; Efeitos de sentido.

INTRODUCCIÓN

Neste trabalho apresentamos alguns resultados da pesquisa em nível de doutoramento vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Chapecó-SC que teve como tema os efeitos de sentido de ser professor de língua portuguesa no acontecimento da pandemia de Covid-19. Esse acontecimento promoveu uma série de rupturas nos modelos vigentes no mundo do trabalho, nas relações sociais, no campo da educação e nos modos de subjetivação.

Uma dessas rupturas no campo educacional pode ter afetado os modos de subjetivação de sujeitos-professores de língua portuguesa, instaurando outras redes de filiação de sentidos do que se interpreta sobre “ser professor de língua portuguesa”. O objetivo principal da pesquisa foi analisar se a experiência de ensino remoto emergencial provocou deslocamentos nos modos de subjetivação dos sujeitos-professores, implicando (ou não) a constituição de novos processos identificatórios de ser-professor, tendo como materialidades significantes escrituras de si de graduados do Curso de Letras da UFFS, *campus* Chapecó-SC.

DESARROLLO

Para desenvolver este estudo, teoricamente, pautamo-nos em uma perspectiva discursiva, a partir das contribuições da Análise de Discurso (Pêcheux, 2015) em

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul, stela@uffs.edu.br

aproximação com a Desconstrução (Derrida, 2004) e a Psicanálise (Freud, 2020). Metodologicamente, o arquivo foi constituído com entrevistas semiestruturadas realizadas com dez sujeitos-professores de língua portuguesa que falaram de si e sobre a experiência de ser professor durante o acontecimento da pandemia de Covid-19.

Os participantes foram instados a relatar, por meio de entrevistas semiestruturadas, como foi a experiência de ERE, como desenvolveram suas aulas de língua portuguesa, quais foram os desafios, as dificuldades, as conquistas, as decepções, que metodologias utilizaram, que apoios (teóricos e práticos) buscaram e/ou tiveram, quais foram as experiências/atividades mais positivas e/ou mais frustrantes, como lidaram com os imprevistos durante a ministração das aulas online, que avaliação fazem dessa experiência, entre outros aspectos. Desse arquivo, extraímos um conjunto de regularidades discursivas que constituem o *corpus* deste estudo, a saber: o estranhamento, a angústia, o desejo, o falar de si e a docência pandêmica.

RESULTADOS, AVANCES Y REFLEXIONES

Para exemplificar nosso gestos de análise, optamos em apresentar duas sequências discursivas (SDs) que foram extraídas das entrevistas dos sujeitos-professores egressos do curso de Letras e que apontam para as regularidades discursivas relacionadas ao estranhamento e à angústia². Na SD 01, temos a resposta elaborada pelo professor entrevistado, versando sobre a pergunta: “O que foi ser professor de língua portuguesa durante a pandemia?”:

SD01: então / a pandemia mostrou assim / tá / você é professora em sala de aula com quatro paredes / eles sentados na tua frente / e agora quando eles estão atrás de uma tela? / você não consegue chamar a atenção dele ali / você não consegue cutucar ele /você não consegue ver se ele realmente está fazendo (SP 10³)

A potência dessa SD está no estranhamento que a resposta formulada pelo professo nos provoca ao colocar em suspensão o seu fazer profissional, uma vez que o

2 Por questões de espaço, optamos em não apresentar nesta seção recortes referentes às cinco regularidades identificadas na pesquisa.

3 A abreviação SP refere-se à designação “sujeito-professor”, o número que acompanha essa abreviação indica o número de ordem das entrevistas realizadas.

ineditismo e a singularidade do acontecimento da pandemia nos fizeram vivenciar a simultaneidade do saber e do não-saber e revela a sensação de despreparo e desamparo para lecionar no contexto pandêmico. O estranhamento se mostra, assim, como um efeito decorrente do súbito e do inesperado que Freud (2020) designa como *unheimlich*, provocado pelo ensino remoto emergencial em confronto ao ensino presencial.

Já na SD02, ao ser questionado sobre como foi ser professor durante a pandemia, o entrevistado nos respondeu que:

SD02: angustiante / muito angustiante /// porque a gente não sabia o que fazer /// de que forma a gente conseguia /// porque eu percebi que eu não consigo ser professora se eu não estou em sala de aula /[...] / para mim foi muito angustiante nesse período de pandemia a gente estar só em casa / se a gente tiver que voltar agora de novo / vou falar: “não / vou esperar as aulas voltarem / daí vou voltar a dar aula” / (SP 10, p. 4)

Por meio da escuta discursiva, a angústia foi nominada por diversas vezes, porém em outras ela não se manifestou pela palavra, pelo significante. Ela foi muitas vezes escutada pelo silêncio, pela incompletude, pela falha e pela falta. Em outros momentos, ela compareceu pelo corpo, aí o corpo se fez linguagem, como diria Leite (2006): “corporeidade”, em que o gesto, a respiração, a emoção, a comoção, o movimento e a paralisia diziam-se angústia. A angústia, como um afeto que se manifestou via corporeidade, tecendo questionamentos e incertezas sobre o fazer docente.

Rememorar a experiência de docência pandêmica abriu um portal (Eckert-Hoff, 2008) para o dizível e o indizível, para a fala que falha e que falta, a interpelação do sujeito-professor 10 também reverbera a angústia dessa experiência. Foi angustiante porque não tínhamos arsenal simbólico para contornar o *unheimlich* (Freud, 2020), consequência da singularidade do acontecimento da pandemia associado aos perfis formativos docentes voltados para o ensino analógico e ainda muito reprodutor, em que o professor, conforme explica Riolfi, é “reduzido a servir de porta-voz de terceiros” (Riolfi, 1999, p. 68) e pouco autoral e que se confrontaram às exigências e necessidades do ensino remoto emergencial.

Em nosso olhar-leitor, o estranhamento foi interpretado como um efeito decorrente do súbito e do inesperado, provocado pelo ensino remoto emergencial em confronto ao ensino presencial; a angústia, como um afeto que se manifestou via *corporeidade*, com efeitos que provocaram questionamentos e incertezas sobre o fazer docente; o desejo, como um efeito do afeto da angústia, que mobilizou o sujeito-professor a se deslocar da posição de sujeito desamparado para sujeito desejante; o falar de si como um gesto com seus efeitos *phármakon* de veneno: remédio, que revela a necessidade e a impossibilidade desse gesto.

O conjunto de regularidades identificadas mostrou-nos e afetos e efeitos de ser professor de língua portuguesa no acontecimento da pandemia de Covid-19, com um sujeito-professor: afetado pelos efeitos de estranhamento; afetado pelos efeitos da angústia; mobilizado pelos efeitos do desejo; afetado pelos efeitos do desamparo; afetado pelos efeitos das tecnologias; afetado pelos efeitos da empatia; afetado pelos efeitos de uma não-escuta e um sujeito-professor afetado pelos efeitos de herança da formação inicial.

CONSIDERACIONES FINALES Y PROYECCIONES

O acontecimento da pandemia de Covid-19, ao instaurar o ensino remoto emergencial como alternativa para a continuidade das atividades escolares, deslocou nosso olhar sobre a docência, porque deslocou nossos modos de ser professor. Em nosso estudo, com base nas análises realizadas, buscamos sinalizar alguns aspectos que interpretamos como pertinentes, necessários e possíveis de serem considerados em relação à formação inicial do graduado em Letras da UFFS, *campus* Chapecó-SC: a) problematizar a formação e o trabalho docente, com o aceite de que é pelos limites e pelas impossibilidades do saber que nos constituímos sujeitos-professores; b) propor gestos e momentos de escuta discursiva durante o processo de formação inicial, c) considerar a importância de um olhar para a memória *na* e *da* formação inicial desses sujeitos e d) pensar a formação inicial de professores que considere o por-vir e não apenas o futuro e, junto a isso, pensar a educação como um acontecimento do impossível.

Por fim, cabe destacar que um de nossos desafios dentro do espaço universitário é o de pensar os processos de formação não mais pela (suposta) certeza de que sabemos ser professores (em uma modalidade de ensino específica), instalando a contradição e a heterogeneidade como categorias constitutivas dos modos de subjetivação docente.

Financiamento (Se for o caso) / Financiación: UNIMED/FUNDES

REFERENCIAS

DERRIDA, J. **Papel-máquina**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

ECKERT-HOFF, B. **Escritura de si e identidade**: o sujeito-professor em formação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

FREUD, S. **O Infamiliar e outros escritos**. Seguido de "O homem de areia" de E. T. A. Hoffmann. Edição comemorativa bilíngue (1919-2019). Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LEITE, N. V. Escrita e transmissão da experiência. In: MARIANI, B. (Org.) **A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e em psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 175-184.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2015.

RIOLFI, C. **O discurso que sustenta a prática pedagógica**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas / SP., 1999, 360 f.